

ESPECIFICIDADES DO TURISMO E HOSPITALIDADE NOS ESPAÇOS RURAIS: EXEMPLO DE BRASIL E DE CUBA

Alissandra Nazareth de Carvalho¹
Eros Salinas Chávez²

Resumo

Este estudo teve como objetivo compreender como o espaço rural pode vir a ser tornar produto e condição para o desenvolvimento da atividade turística, gerando um desenvolvimento local alternativo e criando uma atmosfera propícia para a expressão da hospitalidade. Busca discutir como as localidades podem alcançar benefícios se articulando estrategicamente para o desenvolvimento local, configurando-se em um território singular ao fomento da atratividade turística. Pretende-se também, identificar as especificidades das dinâmicas territoriais estabelecidas e como o espaço é produzido para que tal dinâmica ocorra. Através de pesquisa bibliográfica foram abordadas as alterações ocorridas no meio rural que permitiram a sua multifuncionalidade e a inserção do turismo no leque destas novas opções de desenvolvimento rural e social. Ao relacionar atividades econômicas industriais primárias e à hospitalidade rural ao turismo, concluiu-se que estas podem ser o grande vetor desta atividade alternativa no campo, através de seus símbolos e características peculiares, como por exemplo, a produção econômica rural, a gastronomia, a história e a cultura. A discussão é ilustrada com exemplos de localidades destinadas a indústria agro-açucareira de Cuba e a produção cafeeira do Brasil.

Palavras-chave: Espaço Rural; Turismo; Hospitalidade; Dinâmicas Territoriais; Desenvolvimento Local.

¹ Mestre em Turismo e Hotelaria/UNIVALI e Doutoranda em Geografia UNESP Rio Claro, Professora Bacharelado em Turismo da UFSCar Sorocaba, São Paulo, Brasil. E-mail: alissandracarvalho@yahoo.com.br

² Doutor em Ciências Geográficas/Universidade de Havana, Professor da Escola de Hotelaria e Turismo em Havana, Ministério de Turismo de Cuba

Introdução

Ao longo de muitos anos, no Brasil, principalmente a partir da década de 70, o espaço rural vem passando por intensas modificações que alteraram seu modo de produção e suas estruturas sociais. Os processos de industrialização e urbanização, seguidos da inserção de novas tecnologias no campo para a produção agrícola em larga escala, contribuíram incisivamente nestas mudanças e permitiram a transformação deste meio em um território multifuncional.

Os impactos gerados através destas constantes mudanças no meio rural como o êxodo, a desvalorização cultural e natural, a dificuldade em manter pequenas e médias propriedades devido à intensa modernização tecnológica e a conseqüente diminuição da qualidade de vida das populações rurais, levaram à busca de novas atividades que pudessem agregar renda a estas famílias. Denominadas como atividades não-agrícolas, elas estão cada vez mais inseridas no contexto rural brasileiro e cooperam para amenizar os efeitos das variáveis neste espaço.

De acordo com o Projeto Rurbano³, que tem com base os processamentos das PNADs _ Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio _ , dos 12,4 milhões de brasileiros economicamente ativos residentes em territórios rurais em 2004, 3,7 milhões exerciam atividades não-agrícolas, o que nos permite apontar a relevância deste tipo de ocupação, mesmo com a existência de residentes no meio rural que exercem atividades no meio urbano.

Falando agora de Cuba, a agroindústria da cana de açúcar tem representado historicamente uma atividade relevante, do ponto de vista económico para o país, proporcionando crescimento nas divisas diretas, geradas pela venda de açúcar e seus derivados, abastecendo, ademais, a economía interna e servindo como garantia de pagamento para créditos externos, gerando emprego para mais de 600 mil trabalhadores em mais de 70% dos municipios do país.

Assim sendo, por ser a agroindústria em Cuba parte indissociável de sua historia, cultura e nacionalidade, assim como representante de largo desenvolvimento espacial em todo o país, oferece, também um grande potencial de desenvolvimento turístico-

³ Projeto Temático denominado “Caracterização do Novo Rural Brasileiro” - <www.eco.unicamp.br>

recreativo, através do fomento a visitas a locais de interesse em instalações agroindustriais e também a suas unidades produtoras diversificadas.

Neste contexto de mudanças, o turismo-recreativo portanto, surge como uma opção vantajosa no leque das ocupações não-agrícolas desenvolvidas no meio rural. Com características peculiares neste espaço, como a hospitalidade, a atividade ganha cada vez mais força num mundo globalizado que almeja melhorias em sua qualidade de vida. Grande atrativo do Turismo no Espaço Rural, a hospitalidade se destaca pela simplicidade e pelo resgate às raízes culturais de cada região, bem como por seus símbolos: gastronomia, tradição, modo de vida, entre outros.

Em vista desse cenário, este estudo, portanto, teve como objetivo compreender como o espaço rural pode vir a ser produto e condição para o desenvolvimento da atividade turístico-recreativa, gerando um desenvolvimento local alternativo e criando uma atmosfera propícia para a expressão da hospitalidade. Busca discutir como as localidades podem alcançar benefícios articulando-se estrategicamente para o desenvolvimento local, configurando-se em um território singular para o fomento da atividade turístico-recreativa. Se pretende também, identificar as especificidades das dinâmicas territoriais estabelecidas e como o espaço é produzido para que tal dinâmica ocorra.

Através da investigação bibliográfica foram abordadas as alterações ocorridas no meio rural que permitiram sua multifuncionalidade e a inserção do turismo no leque das novas opções de desenvolvimento rural e social.

Ao relacionar atividades econômicas industriais primárias e hospitalidade rural ao turismo e recreação, se concluiu que estas podem ser o grande vetor desta atividade alternativa no campo, através de seu valor simbólico e características peculiares, como por exemplo, a produção econômica rural, a gastronomia, a história e a cultura. A discussão é ilustrada com exemplos de localidades destinadas à indústria agroaçucareira de Cuba e a produção rural no Brasil.

O trabalho, portanto, segue organizado da seguinte maneira: na primeira parte foi feita uma revisão bibliográfica que buscou identificar os principais motivos desta atual multifuncionalidade rural e seus benefícios a este meio. Posteriormente, foram destacadas as especificidades das dinâmicas territoriais e como o espaço é produzido para que tal dinâmica ocorra no Brasil e em Cuba. Por fim a atividade foi relacionada com a hospitalidade de maneira a cumprir o objetivo do artigo.

Um novo espaço rural

Algumas alterações sociais ocorridas no último século, tanto no campo quanto na cidade, contribuíram para o fortalecimento da atividade turística em geral. A redução das jornadas de trabalho e o conseqüente aumento do tempo livre dos indivíduos resultaram numa maior disponibilidade destes para atividades de lazer e entretenimento.

As mudanças nos padrões de consumo, que segundo Schneider (2006, p. 3) “voltam-se crescentemente as amenidades e aos bens não tangíveis”, vêm somar pontos favoráveis ao desenvolvimento turístico. Junto a estes fatores, que beneficiaram o turismo num âmbito geral, a questão da qualidade de vida vem afetar direta e positivamente no crescimento do Turismo no Espaço Rural.

Schneider e Fialho (2001, p. 31) afirmam que o estresse e o crescente custo de vida urbano decorrentes do crescimento intenso e desordenado das cidades fazem com que a população busque ambientes mais saudáveis e que, em busca desta qualidade de vida, de conforto e segurança, há uma expansão das residências secundárias e sítios de lazer, o que favoreceu a associação do ambiente rural com qualidade de vida.

O processo de modernização tecnológica dos meios de produção agrícola, iniciado na década de 70 através dos Governos Militares, promoveu uma grande melhoria na produção do campo. Passou-se, então, a produzir mais num espaço de tempo reduzido, o que favoreceu os grandes produtores agrícolas. Entretanto, como conseqüência deste avanço, os postos de trabalho no meio rural foram visivelmente reduzidos e a produção de algumas pequenas propriedades tornou-se inviável pela competitividade com os grandes produtores. Schneider (2006), ao discorrer sobre os efeitos da globalização na agricultura e no meio rural explica que:

“[...] abrem-se os mercados, aceleram-se as trocas comerciais e intensifica-se a competitividade, agora tendo por base poderosas cadeias agroalimentares que monopolizam a produção e o comércio atacadista em escala global, restringindo a participação nestas relações de troca de imensas regiões produtoras [...]” (SCHNEIDER, 2006, p. 3).

Neste contexto, a solução encontrada por uma grande parte da população rural em busca de emprego e melhores condições de vida foi a de migrar para as cidades,

contribuindo para um inchaço nas grandes metrópoles, que passaram a concentrar altos índices de desemprego e marginalidade.

Assim sendo, a evolução da população urbana brasileira é muito maior, em detrimento da rural. A partir da década de 70 já se observa mais de 50% do total de brasileiros residindo em espaços urbanos. Mas observa-se na década de 90 uma diminuição deste êxodo. Graziano, Grossi e Campanhola (2005, p.7) explicam que “enquanto no passado as pessoas que deixavam a atividade agrícola também deixavam o campo, nos anos 90, para uma boa parte dessa população que deixa a atividade agrícola, não existe mais a migração para as cidades”. Essa população passou então a exercer atividades não-agrícolas no campo ou a residir no meio rural e trabalhar nas cidades.

Em se tratando de Cuba, em termos populacionais e, no que diz respeito ao urbano e ao rural, nos últimos 40 anos, a população cubana tem se urbanizado e se tornado concentrada, o que conseqüentemente provocou mudanças no povoamento do país. Em 1970 a população urbana representava 60,5% e em 2009 o valor estimado pela Oficina Nacional de Estatísticas, em 2010, era de 75,3%, enquanto a população rural representava apenas 24,7%. Tem ocorrido um movimento migratório interno do oriente ao ocidente do país, e do campo para a cidade, cujas pessoas, entre outras razões, buscam melhores oportunidades de emprego e condições de vida.

Atualmente, existe uma política estatal para tratar de freiar o êxodo da população rural, especialmente das zonas montanhosas, intensificando o desenvolvimento destes territórios e oferecendo-lhes melhores opções e oferta de serviços, com objetivo de alcançar uma certa estabilidade no povoado. Ademais, as Unidades Básicas de Produção Cooperativas (UBPC), promovidas nos fins da década de 90, estimularam a qualidade de vida nos campos cubanos.

Schneider e Fialho (2001, p.31) citam ainda, como outros fatores que favoreceram as transformações no meio rural, a melhoria das estradas e dos meios de comunicação que facilitaram o acesso a este ambiente, diminuindo o tempo de locomoção entre o meio urbano e rural.

Muitos autores apontam como maneira de aproveitar as mudanças ocorridas no meio rural e amenizar os conseqüentes impactos, a introdução de atividade não-agrícolas em sua economia. Schneider (2006, p. 4) afirma que a partir destas alterações “emerge uma nova concepção da ruralidade, que passa a ser um espaço em que o

homem e o ambiente se integram através de múltiplos usos que são de caráter produtivo, social, lúdico, ambiental etc.”. Segundo Portuguese (2002):

“iniciativas como a valorização da indústria familiar, o revigoramento do artesanato, o incentivo aos setores comercial e de serviços, a emergência do trabalho informal e a implementação de programas de turismo alternativo, são apenas alguns exemplos mais notáveis.” (PORTUGUEZ, 2002, p. 71).

Assim, a atividade turística no meio rural poderá propiciar a criação de novos postos de trabalho no campo, evitando o êxodo e o inchaço das cidades; a elevação da renda da população rural e a valorização do patrimônio cultural e natural de cada região, o que provavelmente implicará na melhoria da qualidade de vida neste meio.

Turismo no Espaço Rural

Segundo o Ministério do turismo, o Turismo em áreas rurais passou a ser considerado como uma atividade econômica no Brasil somente a partir da década de 80, apesar da visitação a propriedades rurais ser uma prática comum no país. A partir de então o setor passou a crescer gradativamente e, hoje, exerce um importante papel econômico e social para diversas famílias inseridas no meio rural.

Em Cuba, o desenvolvimento da atividade turístico-recreativa se deu pelo fato de algumas mudanças ocorridas nos engenhos, a saber:

A partir de 2002, por designação do governo, o Ministério do Açúcar iniciou uma reestruturação e redimensionamento conhecido no setor como “Tareo Alvaro Reynoso”, caracterizado por significativa diminuição e reordenamento das estruturas produtivas com objetivo de gerar uma agroindústria mais competitiva e sustentável, que se adaptasse as condições econômicas e sociais do cenário naquele momento.

Assim, 70 dos 155 engenhos foram fechados e 62% da área se converteu em zona de produção agropecuária. Ademais, o potencial produtivo foi reduzido de 8 para 4 milhões de toneladas de açúcar por safra. A partir de então, era necessário dar atenção para todos esses empregados que ficaram sem trabalho, estabelecendo-se como área prioritária o desenvolvimento de planos de desenvolvimento turístico e recreacionista para essa população.

Foram criadas as casas do trabalhador açucareiro, presentes em algumas centrais atuais e em algumas desativadas, consistindo em uma instalação multipropósito: restaurante, cafeterias, bar, sala de computação, salão de jogos, sala de vídeo, sala para baile, discoteca, biblioteca, salas de reunião e conferências, jardins e outras instalações onde os funcionários recebem todos os serviços juntamente com suas famílias, muitas vezes, subvencionados pelas empresas e unidades produtoras. Além disso, há espaço propício para realização de festas e similares.

Ainda, várias cooperativas aproveitam a oportunidade para se articular e oferecer serviços destinados à recreação desses trabalhadores.

Observando as características expostas concluímos que, em âmbito geral, a hospitalidade acaba constituindo o principal atrativo da atividade turística no meio rural através da cultura, da gastronomia, da história, das tradições e do modo de vida simples. A busca por qualidade de vida, pelo retorno às raízes e por ambientes tranquilos e acolhedores faz da hospitalidade rural o grande pilar do Turismo em Espaços Rurais, fator que permite a introdução de novas formas de ocupação a este meio.

A Hospitalidade e o Ambiente Rural

A hospitalidade é um processo dinâmico muito além de simplesmente hospedar, que envolve profundas relações entre hospedeiros e hóspedes. De acordo com Camargo (2005), a hospitalidade pode ser comparada a uma dádiva, visto que ambas são fatos totalmente sociais e se inserem na dinâmica de dar, receber e retribuir. A definição dada por Abreu (2003) explicita bem estas duas características. Segundo ele, a hospitalidade:

“pode ser definida como o atributo ou característica que permite aos indivíduos de famílias e lugares diferentes se relacionar socialmente, se alojar e se prestar serviços reciprocamente.”
(ABREU, 2003, p.29).

Assim, o ato de receber indivíduos envolve diversas relações que vão desde a recepção até a retribuição, passando pela preparação e consumo de alimentos e bebidas, disponibilização de leito, conforto e entretenimento. A dinâmica de dar, receber e retribuir faz da hospitalidade um processo contínuo que, segundo Camargo (2005, p. 24), “alimenta o vínculo humano”.

Embora não se possa negar a existência de estabelecimentos de hospedagem voltados para o comércio e nem o fato de que estes possam ser bons hospedeiros, Costa (2004) afirma que na hospitalidade rural “existe maior expressividade da hospitalidade privada do que da comercial”. Isto devido à associação cada vez maior entre o campo e a qualidade de vida, o sossego, a segurança, a sensação de estar em casa e, acima de tudo, devido ao acolhimento do espaço rural e as relações entre anfitrião e hóspede.

É cada vez mais comum indivíduos, fugindo do estresse e da vida agitada das grandes capitais, buscarem ambientes bucólicos e simples para descansar. Esta posição pode ser confirmada por Rego e Silva (2003), que dizem que:

“A seleção desses estímulos dependerá das expectativas decorrentes da experiência prévia do turista, na familiaridade com a localidade ou na comunicação recebida por canais pessoais ou impessoais. Também dependerá das necessidades, desejos e interesses que motivam o turista em seu percurso pela localidade.” (REGO e SILVA, 2003, p. 126).

Esta citação nos remete a algumas questões interessantes. A experiência prévia do turista é um fato bastante influente. Quando ruim, é capaz de fazer com que o visitante nunca mais volte ao local, além de promover depoimentos negativos sobre ele. Se, ao contrário, trazer boas experiências, pode despertar no turista uma sensação de estar em casa, contribuindo para uma boa divulgação.

Outro fato importante é o da familiaridade. Um exemplo simples é a motivação de turistas idosos em relação ao Turismo no Espaço Rural. O estilo de vida rural, a culinária, os objetos, as tradições e os aspectos físicos deste ambiente, que um dia fizeram parte da vida deste idoso, serão muito atrativos a ele, por remontar a lembranças e sensações de um passado que talvez não o pertença mais. Rezende (2008) cita que no Turismo Rural:

“O caminho que levará o idoso à plena satisfação se dará por meio da visão da velha porteira de madeira, do carro de boi, do alambique, do monjolo, do lampião, das lamparinas, ou seja, de objetos que contam uma história, que lembram um modo de vida, que evocam imagens da infância.” (REZENDE, 2008, p.9).

A gastronomia rural se compõe a partir de produtos caseiros típicos como bolos, pães, doces, vinhos, café, sucos naturais, queijos, entre outros, sendo que a maioria destes deve ter relação com a cultura local e buscar a produção de acordo com os elementos característicos de tal região. Como exemplos poderíamos citar o café, elemento básico nas antigas fazendas do Vale do Paraíba, que constitui o principal símbolo do turismo nesta região. Assim como os vinhos e sucos marcam o Turismo Rural no Rio Grande do Sul, região conhecida pela produção de uvas. Blos (2001, p. 217), ao estudar o Turismo Rural em Lages, Santa Catarina, coloca como forma de interação com a produção local “o fornecimento de produtos alimentícios em pequena escala como queijos e outros derivados do leite”. A inserção destes elementos tradicionais na alimentação supõe uma relação maior entre hóspede e anfitrião, visto que o primeiro passa a ter contato com o modo de vida local e fazer parte dele, mesmo que por um momento.

Também símbolos da hospitalidade, a cultura local e o modo de vida no campo constituem grandes atrativos. As manifestações culturais, como festas juninas, festas em comemoração a boas colheitas, o folclore, a música, a religiosidade, o artesanato e as danças, assim como o cotidiano rural, incluindo o manejo de culturas agrícolas e pecuárias, o acesso a brincadeiras, entre outros, são apenas alguns exemplos de como estes materiais simbólicos da hospitalidade se expressam no meio rural.

Na maioria das vezes, estas características constituem o entretenimento no turismo local. Atividades como a pesca, a ordenha, a colheita e cavalgadas são bastante procuradas por turistas que buscam a interação com o meio. Também as festividades tradicionais, enquanto forma de expressão cultural, atraem muitos visitantes. Um exemplo é a Festa da Polenta, no município capixaba de Venda Nova do Imigrante, conhecido pelo Agroturismo, que retrata a cultura dos imigrantes italianos que habitam a região.

“Na época da massificação da produção industrial tipo artesanal e da globalização desregulada das trocas de bens, incluindo o artesanato oriental, há procura pelos artefatos de qualidade, tradicionais ou inovadores e criativos [...]” (RODRIGUES, 2001, p. 93). Esta citação revela a importância dos artesanatos típicos de cada região que se sobressaem perante aos produtos ditos “artesanais”, massificados pela produção industrial.

A relevância adquirida por estes produtos está em sua identidade, ou seja, o contexto em que foi produzido, o modo de vida de quem o produziu e todos os aspectos que permitiram a sua produção, como os materiais comuns de cada local e as habilidades do produtor. Os artesanatos também são formas de manifestações culturais e constituem o produto turístico no meio rural.

O Patrimônio Histórico material também constitui um símbolo da hospitalidade. No Turismo Rural, características históricas são bastante comuns e estão presentes principalmente nas construções, como casarões, senzalas, estábulos e moinhos; e na história sócio-política do local. Rodrigues (2001), ao estudar o Turismo Rural no Brasil, cita um exemplo no município de Castro no Paraná, de extrema importância histórica que remete ao século XVIII, no período do tropeirismo:

“Quando os tropeiros faziam o caminho Viamão Sorocaba transportando gado, encontraram às margens do rio Iapó um porto considerado seguro, aí nascendo a fazenda Capão Alto. A casa central desta propriedade, erguida em taipa de pilão, [...] foi tombada pelo patrimônio histórico do Estado. A sede da fazenda Potreiro Grande abre-se hoje para o turismo rural. Construída em pedra, é também de valor histórico.” (RODRIGUES, 2001, p. 63).

Outro exemplo são os antigos casarões do ciclo cafeeiro em muitas fazendas no Vale do Paraíba, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, em cidades como Vassouras, Barra do Piráí, São Luis do Paraitinga, Bananal, entre outras. Estas características históricas, unidas à tranquilidade, à cultura, ao modo de vida, à gastronomia e à tradição de certos ambientes rurais constitui um produto turístico forte e diferenciado.

Considerações Finais

Após a compreensão das mudanças ocorridas no meio rural que proporcionaram a introdução das atividades não-agrícolas, a descrição dos princípios básicos do Turismo no Espaço Rural e, finalmente, após encontrarmos na hospitalidade características marcantes, podemos concluir que a atividade turística no meio rural,

através de uma hospitalidade peculiar, tornou-se uma opção viável de desenvolvimento deste ambiente contribuindo para a geração de emprego e renda que complementam sua economia.

Buscando a preservação das características naturais e culturais das regiões turísticas no meio rural, os símbolos da hospitalidade serão conseqüentemente mantidos como vetor principal do Turismo Rural, visto que envolve seus maiores atrativos: cultura, tradição, história e gastronomia. O bom planejamento da atividade turística agregará mais uma função no espaço rural que, em conseqüência de um longo processo de mudanças, se tornará um espaço multifuncional e, a hospitalidade peculiar neste meio, será fator de grande consideração que possibilitará este desenvolvimento.

No caso de Cuba, por exemplo, os complexos açucareiros contam com uma estrutura completa que permite o acesso a serviços outrora não pensados e que propiciam a reutilização de espaços e aproveitamento destes para a atividade turístico-recreativa, vinculando essa atividade ao conhecimento da cultura e história econômica de um passado recente, além de, é claro, gerar mais postos de trabalho, ressaltando o advento da ferrovia que dispõe das locomotivas que se apresentam como grande atrativo turístico e possibilidade de criação de roteiros que a utilizem.

Através das reflexões levantadas, conclui-se que a mudança de paradigmas no campo, intensificada pelos processos de industrialização e urbanização, contribuiu incisivamente para a inserção de novas atividades neste território. Percebe-se que, neste cenário, a atividade turística no meio rural vem se destacando devido às suas peculiaridades, como a hospitalidade, a ruralidade, a cultura e a gastronomia, cada vez mais valorizadas pelas populações urbanas que buscam a fuga do cotidiano e da vida nas cidades.

Entende-se ainda que, grande parte dos engenhos em Cuba e fazendas históricas no Brasil, abandonaram por completo suas atividades agrícolas ao aderir o turismo como nova fonte de renda e, naqueles em que a atividade original ainda é mantida, a atividade turística se configura como o grande vetor econômico, gerando maior parte da renda local.

Tais resultados permitiram concluir que a inserção de novas atividades econômicas no espaço rural é fato cada vez mais comum e necessário neste ambiente, a fim de amenizar os impactos gerados por suas variáveis, como o êxodo, a

desvalorização cultural e natural e a dificuldade em manter pequenas e médias propriedades devido à intensa modernização tecnológica.

A partir da compreensão de que a atividade turística se configura como uma nova oportunidade de desenvolvimento no campo, este artigo buscou levantar algumas considerações referentes às discussões teóricas atuais sobre os temas abordados, bem como questões sobre as dinâmicas turísticas, permitindo que o assunto ofereça bases para novas discussões no âmbito acadêmico.

Referências

- ABREU, V. A. A Máquina da Hospitalidade. In: DENCKER, A. F. M. *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*. São Paulo: Cengage Learning, 2003.
- ALMEIDA, J. A.; RIELD; M. (Orgs). *Turismo Rural: Ecologia, Lazer e Desenvolvimento*. Bauru: EDUSC, 2001.
- BLOS, W. O turismo rural na transição para um outro modelo de desenvolvimento rural. In : ALMEIDA, J. A.; RIELD; M. (Orgs). *Turismo Rural: Ecologia, Lazer e Desenvolvimento*. Bauru: EDUSC, 2001.
- CAMARGO, L. O. L.. *Hospitalidade*. 2ª edição. São Paulo: Aleph, 2005.
- CHAVEZ, E. S.; DOMINGUEZ, S. F. *Potencial Turístico-Recreativo de la Agroindustria Azucareira Cubana*. Documentos Especiais, Estudios y Perspectivas en Turismo, V. 19, 2010.
- COSTA, H. A. *Hospitalidade Brasileira e a Relação com os Meios Rural e Urbano*. Congresso Internacional de Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável, Joinville, n.4., 2004.
- GRAZIANO, J.; GROSSI, M.; CAMPANHOLA, C. *Novo Rural Brasileiro: Uma atualização*. XLIII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, Ribeirão Preto, 2005.
- JOANNÈS, F.. A função social do banquete nas primeiras civilizações. In: FLANDRIN, J.; MONTANARI, M. (Orgs.). *História da alimentação*, tradução de Luciano Vieira Machado e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- LASHLEY, C. Para um entendimento teórico. In: LASHLEY, C.; MORRISON, A. (Orgs.). *Em busca da hospitalidade*. São Paulo: Manole, 2004.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. *Turismo Rural: Orientações Básicas*. Brasília, 2008.

PORTUGUES, A. P. *Agroturismo e Desenvolvimento Regional*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

REGO, R. A.; SILVA, E. A. A Atmosfera das Cidades e a Hospitalidade. In: DENCKER, A. F. M. *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*. São Paulo: Cengage Learning, 2003.

REZENDE, F. R. A hospitalidade Rural voltada para a Terceira Idade. *Dialogando no Turismo*, Rosana, v. 2, n. 1, jun. 2008.

RODRIGUES, A. B. Turismo rural no Brasil – ensaio de uma tipologia. In: ALMEIDA, J. A.; RIELD; M. (Orgs). *Turismo Rural: Ecologia, Lazer e Desenvolvimento*. Bauru: EDUSC, 2001.

SCHNEIDER, S. Turismo em Comunidades Rurais: inclusão social por meio de atividades não-agrícolas. In: *Diálogos do Turismo: Uma viagem de inclusão*. Brasília, Ministério do Turismo, 2006.

SCHNEIDER, S.; FIALHO, M. A. V. Atividades não agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul. In: ALMEIDA, J. A.; RIELD; M. (Orgs). *Turismo Rural: Ecologia, Lazer e Desenvolvimento*. Bauru: EDUSC, 2001.

SELWIN, T. Uma antropologia da hospitalidade. In: LASHLEY, C.; MORRISON, A. (Orgs.). *Em busca da hospitalidade*. São Paulo: Manole, 2004.

TELFER, E. A filosofia da “hospitabilidade”. In: LASHLEY, C.; MORRISON, A. (Orgs.). *Em busca da hospitalidade*. São Paulo: Manole, 2004.